



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### A FILOSOFIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA EPISTEMOLOGIA DO EDUCAR

Rita Célia Magalhães Torreão\*  
(UFBA)

#### RESUMO

A Filosofia e a Construção de Uma Epistemologia do Educar se propõe abordar a relação Filosofia – Epistemologia – Ciência, visando principalmente os problemas dessa relação com a Educação. O ensino de Filosofia será ressaltado como desafio da atualidade porque filosofar é compreender. Apoiada na Metafísica de Henri Bergson propõe um filosofar bárbaro e com isso busca trazer novos entrelaçamentos para os conceitos de Filosofia, Epistemologia e Ciência.

**PALAVRAS CHAVE:** Filosofia, Epistemologia, Educação.

#### INTRODUÇÃO

**“O homem é mortal por seus temores e imortal por seus desejos”**

**Pitágoras**

Talvez desejemos um filosofar e uma educação de bárbaros. No sentido que afirma Deleuze (1988, p.2) em seu abecedário:

---

\* Doutora em Filosofia da Educação FAGED- UFBA. Professora Adjunta de Filosofia UESC. E-mail: ritacelia2007@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Preciso de uma palavra, aparentemente bárbara. Então, Félix e eu construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. Sobre isso nos dizem: é uma palavra dura, e o que quer dizer, qual a necessidade disso? Aqui, um conceito filosófico só pode ser designado por uma palavra que ainda não existe. Mesmo se descobre, depois, um equivalente em outras línguas. [...] Penso que [...] para a Filosofia é surpreendente. Precisamos, às vezes, inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova.

Parece-me que aqui no Brasil vivemos de forma bárbara, pensamos de forma bárbara, educamos de forma bárbara e fazemos política barbaramente. Aqui na academia onde aparentemente vivemos em civilização, praticamos canibalismo e torturas, imagine quando o lugar é a Educação Básica. Lá é onde somos mais selvagens.

Então surge a idéia de se ensinar Filosofia na Educação Básica. Podemos colonizá-los, como os jesuítas faremos catequeses e levaremos a civilização filosófica com toda sua tradição para converter e salvar, ou como Henrique Dussel rejeitaremos o processo civilizatório e chamaremos de Filosofia nossas crenças e de filósofos nossos curandeiros, ou podemos desterritorializar. Então vamos aplicar a epistemologia bárbara da desterritorialização.

Mas, o que é que seria isso? Primeiro para desterritorializar precisa logicamente haver um território. Então auxiliada na minha experiência de bandeirante e indianista e nas teorias de Henri Bergson visitaremos e mapearemos esse selvagem território.

Quando adentremos na selva do ensino básico, primeiramente em seus livros de linguagem e ciência nos deparamos principalmente com o fato de não haver ensino de ciência. As teorias científicas são apresentadas as nossas crianças como realidades, em nenhum livro de física do ensino médio a teoria do movimento de Newton é apresentada como teoria, mas seguindo os dez mandamentos da Torá acrescentam à primeira, a segunda e terceira lei de Newton

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

às leis de Deus e é assim que os corpos se movem, decoramos algumas equações fundamentais para passar no vestibular e pronto. A dupla hélice do DNA é apresentada com se alguém já tivesse visto uma como as do helicóptero e a suspeita, principal característica da ciência positivista é esquecida e ciência é apresentada como feitiço, magia e catecismo. Cito Bergson (2009).

O hábito de levar para o estudo da realidade concreta as mesmas exigências de precisão e rigor que são características do pensamento matemático é uma disposição que devemos às ciências da matéria e que sem elas não chegaríamos a ter. Por isso uma ciência que tivesse dedicado imediatamente às coisas do espírito teria permanecido incerta e vaga, por mais que houvesse avançado: talvez nunca chegasse a distinguir entre o que é simplesmente plausível e o que deve ser aceito definitivamente. Mas agora que, graças a essa distinção e possuímos as qualidades que ela implica, podemos aventurar-nos sem temor no âmbito quase inexplorado das realidades psicológicas. Avencemos com uma ousadia prudente, deponhamos a metafísica ruim que atrapalha nossos movimentos, e a ciência do espírito poderá dar resultados que superarão todas nossas expectativas.

Para Bergson Filosofia auxilia a Ciência, enxerga onde ela é cega, complementa com a compreensão o agir e o controlar científico, a ciência é feita do resultado da inteligência e a filosofia da intuição. Assim, a inteligência procura e a intuição encontra “O que mais faltou à filosofia foi a precisão. Os sistemas filosóficos não são talhados na medida da realidade em que vivemos. São largos demais para ela” (2006, p.3).

Então, seria interessante, primeiramente, procurar entender as distinções entre filosofia e ciência para Bergson, na maneira de conhecer uma coisa para depois seguirmos. A filosofia, pelo exercício da metafísica, deveria buscar um conhecimento absoluto sobre determinado objeto de interesse, utilizando-se da intuição como método para sua apreensão. Buscar um conhecimento absoluto é entendido aqui como a tentativa de coincidir com o objeto, de entrarmos nele,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

simpatizando com ele em um nível do qual não falamos mais de um determinado lugar ou de um ponto de vista sobre o objeto, mas sim, de dentro dele. Essa maneira de conhecer uma coisa, por não se colocar em nenhum ponto de vista, também não se apóia em símbolo algum, ou seja, não há uma tradução e, sim, a tentativa de possuir o original. É isso o que caracterizaria e diferenciaria o ofício da filosofia em relação a outros campos de saber, muito próximo daquilo que Deleuze e Guattari denominaram a “disciplina que consiste em criar conceitos”, considerando a idéia de criação e a própria criação de conceitos na filosofia como singulares. Já a ciência busca um conhecimento relativo sobre o objeto ao qual se debruça e tem como método a análise, fundada na inteligência, que se refere aos domínios da faculdade de abstrair e de generalizar, isto é, ao juízo e ao raciocínio. É um conhecimento relativo justamente porque ao invés de adentrar ao objeto, rodeia-o - no sentido de depender de um ponto de vista, de um ponto de referência em que se posiciona e dos símbolos aos quais se expressa. Em outras palavras, o objeto é apreendido de fora: falamos dele de diversos lugares pelos quais nos colocamos no espaço; fazemos uma representação, relacionando-o a partir dos referenciais que possuímos e que nos são familiares – por isso a idéia de tradução do objeto. Podemos assim dizer que, ao contrário de nos aproximarmos do objeto, afastamo-nos dele, pois estamos sempre trabalhando por semelhança, comparação ou analogia. Mantendo conosco essas noções de ciência e filosofia.

Quem há de negar as conquistas da ciência e seu arsenal tecnológico, o nosso problema bárbaro é que nem “ciência de verdade” ensinamos em nossas escolas aí parece, encontramos uma desterritorialização bergsoniana para nosso problema, uma das tarefas do ensino de filosofia na educação básica talvez seja trazer de volta o ensino de ciência, mas ciência mesmo, com suspeita e como teoria. Bergson (2006 p.7),

Mas se a ciência e o senso comum estão aqui de acordo, se a inteligência, espontânea ou refletida afasta o tempo real, não seria



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

porque a destinação de nosso entendimento assim o exige? Foi exatamente o que acreditamos perceber ao estudar a estrutura do entendimento humano. Pareceu-nos que uma de suas funções era justamente a de mascarar a duração, seja no movimento, seja na mudança.

### **A Guerra**

O mundo da barbárie gosta de guerra, de extermínio, assim os proletários contra os burgueses, as minorias contra a maioria, os quantitativos contra os qualitativos, a poesia contra a ciência. Para esses minha desterritorialização bergsoniana responde, do mesmo modo que a inteligência cavalga os instintos, a intuição cavalga as idéias. Bergson de forma bárbara une poesia à ciência e a vida mostra isso o tempo todo, podemos ver isso também na fabulosa expressão da música.

Nosso objetivo é mostrar como, para Bergson, a investigação do problema da significação da vida envolve a colaboração entre ciência e metafísica. Para ele, o estudo da vida é, antes de tudo, uma investigação sobre o homem. Isto é, a compreensão do homem passa pela abordagem dos dados fornecidos pela biologia. Ora, esses dados revelam que essa compreensão é atingida ao se considerar a constituição da inteligência humana, faculdade com função e campo de aplicação determinado: ela assegura a perfeita inserção do corpo em seu meio, preside a representação das coisas exteriores e pensa a matéria; isto é, possui um caráter essencialmente prático. Para além dessa compreensão da inteligência, o estudo da vida permite saber sobre quais pontos, em quais direções, por quais necessidades nosso pensamento é limitado. A partir daí, a tentativa de ultrapassar essa limitação vai caracterizar o esforço da própria inteligência em ultrapassar os quadros de seu conhecimento natural. Testar essa capacidade da inteligência é procurar explicar

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

não apenas o nascimento de outra faculdade humana, mas, sobretudo, indicar um território privilegiado a partir do qual a metafísica pode ser re-instaurada.

Para ele, sua segunda obra, ao ter localizado o desvio entre o fato de consciência e as condições físicas nas quais ele se desenvolve, ao ter mostrado neste fato algo de parcialmente livre, de parcialmente indeterminado, revelou-lhe a possibilidade de determinar empiricamente, progressivamente, o que chamou significação da vida, ou seja, o sentido verdadeiro da distinção entre alma e corpo, assim como a razão pela qual se unem e colaboram-se entre si.

Bergson extrai, deste modo, um novo problema de *Matière et Mémoire*, o da significação da vida, cuja determinação surge como o aprofundamento necessário de suas conclusões anteriores. Conclusões que mostravam a atividade espiritual independente da atividade cerebral (corporal), mas ao mesmo tempo limitada por ela, uma vez que o corpo orienta-se sempre para ação, a lei fundamental da vida; era preciso então compreender o sentido da relação do homem, ser pensante, ao homem, ser vivo, saber por que a vida espiritual está associada à vida corporal que a limita. A meditação sobre a vida torna-se então a promessa de encontro da própria significação do dualismo de *Matière et mémoire*.

Qual é esta significação da vida? Se desejaria uma fórmula. [...] Mas como eu formularia desde agora uma conclusão definitiva, se o método que proponho exige que se vá progressivamente às idéias pelo longo e duro caminho dos fatos? Se ele é um método feito de correções, de retoques, de complicações graduais, e funda assim uma filosofia suscetível de progressão? O que é possível afirmar, é que o exercício normal da atividade humana se definirá cada vez melhor pelo aprofundamento da própria vida.

Pois o filósofo, questionando-se sobre a significação da vida, pode então compreender cada vez melhor o gênero especial de limitação que a vida traz ao nosso pensamento. E, sabendo sobre quais pontos, em quais direções, por quais



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

necessidades nosso pensamento é limitado, nos guiaria no esforço todo particular que devemos fazer para nos liberarmos desta limitação. A partir daí, uma metafísica positiva poderia então ser definitivamente fundada, uma vez que a direção e o esforço necessários para esta liberação teriam sido indicados pela determinação cada vez mais precisa da relação da consciência com suas condições materiais.

Isto não quer dizer que assim sairíamos da experiência, e que a liberdade, realidade de ordem metafísica, seria encontrada num mundo transcendente ao mundo dos fenômenos. A metafísica proposta por Bergson é positiva, quer dizer, fundada na experiência e susceptível de um progresso real. Qual é esta experiência? Para ele, ela somente pode ser aquela que nos revelam as ciências surgidas no século XIX, ciências biológicas, psicológicas, sociológicas, que observam e experimentam sem a intenção de chegar sempre a uma fórmula matemática. A aliança entre metafísica e matemática, que se constata nos cartesianos, correspondia a “um aprofundamento completo da experiência deles. Mas nossa experiência é muito mais vasta. Ela se ampliou ao ponto que tivemos de renunciar, há pouco mais de um século, à esperança de uma matemática universal. Continuar a obra dos cartesianos, segundo Bergson é fazer o que eles fariam no momento histórico-científico em que vivemos: é admitir a complexidade e a flexibilidade das novas ciências, cujos dados são dificilmente redutíveis ao mecanicismo matemático, e sobre ela constituir uma nova metafísica. Da aliança entre metafísica e matemática resultou a forma rígidas realidades metafísicas e a relatividade da experiência em relação a um absoluto que a transcendia. Da aliança entre a metafísica e as novas ciências, ao contrário, o contato com uma experiência mais vasta nos daria acesso a diferentes planos de experiência, a partir dos quais será sempre necessário um esforço de dilatação intelectual para atingirmos planos mais profundos; e deste modo, os conceitos encontrados serão modelados e



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

remodelados sobre cada fato novo, cada problema encontrado. É assim que a nova metafísica tornar-se-á uma teoria saturada de experiência. Quanto ao resultado definitivo deste esforço, onde ele conduzirá, sou incapaz de prevê-lo. Limito-me a exprimir em termos vagos o que não posso perceber senão vagamente. O que é certo, é que a liberdade será uma realidade interior à vida fenomenal, embora limitada por ela. Mas ela não seria uma experiência relativa, isto é, que nos deixaria fora da coisa em si, ou seja, da realidade. A limitação de nosso conhecimento implica naturalmente o conhecimento de uma parte do real, mas neste real estamos e permanecemos. Cabe a nós, sem abandonar o terreno dos fatos, completar este conhecimento.

### **Idéias Bárbaras**

Talvez, uma função importante para o filosofar, no ensino básico, seja restaurar uma perspectiva científica, esclarecer que ciência interpreta a natureza, cria teorias de explicação, mas seu conhecimento é precário e provisório.

Identificar a vida como uma unidade corpo alma, como uma unidade instinto, inteligência e intuição. Acabando com a guerra sem sentido, pois a diferença está no mesmo, que num duplo frenesi explode em múltiplas divisões e só interrompe quando o impulso vital inicial cessa.

Um filosofar aberto, poético-científico-metafísico, não apenas nacional ou internacional, mas multinacional, singular, polinal, racional e instintual, mas principalmente intuitivo, criador e movente. Não podemos negar a tradição e ultrapassá-la sem a conhecermos. Não podemos desterritorializar, sem território. Assim por um filosofar bárbaro.





ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Assim talvez o problema não seja “O filosofar que queremos. Mas, nós queremos filosofar. Essa é a marca de uma nova epistemologia. Uma Epistemologia Selvagem. Que fica assim nas palavras de Bergson (2006 p. 25),

Mas se começamos por afastar os conceitos já prontos, se nos brindamos com a visão direta do real, se subdividimos então essa realidade levando em conta suas articulações, os conceitos novos que de um modo ou de outro teremos de formar para nos exprimir serão desta vez talhados na exata medida do objeto: a imprecisão só poderia nascer de sua extensão a outros objetos que eles abarcam igualmente em sua generalidade, mas que deverão ser estudados neles mesmos, fora desses conceitos, quando se quiser conhecê-los por sua vez.

### REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. 4. Ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1952.
- ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução Antonio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ARISTÓTELES. **Órganon: categorias, da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofisticas**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2005.
- BACHELARD, Gastón. **A dialética da duração**. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Damesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O novo espírito científico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

- 
- \_\_\_\_\_. **Curso sobre a filosofia grega.** Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- \_\_\_\_\_. **Duração e simultaneidade.** Tradução Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2006 a.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência.** Tradução João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1927.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. (Tópicos)
- \_\_\_\_\_. **Memória e vida.** Tradução Cláudia Derliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento e o movente.** Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006 d.
- \_\_\_\_\_. **O riso.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Energia Espiritual.** Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta.** Tradução Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Bergsonismo.** Tradução Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O** **Abecedário**  
<[http://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze\\_abecedario\\_integral.pdf](http://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_abecedario_integral.pdf)>, 1988.
- FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GALEFFI, Dante. **O ser-sendo da filosofia.** Salvador: EDUFBA, 2001.
- GALEFFI, Romano. **A presença de Bergson.** Salvador: Universidade da Bahia, 1961.
- JAERGER, Werner W. **Paidéia:** a formação do homem grego. Tradução Artur M. Perreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **Henri Bergson.** Paris: PUF, 1959.
- LOPES, Manuel Luiz. **Do espetáculo sem espectador em Bergson:** colóquio de Bergson. São Paulo: UFSCar, 2008.
- MARICONDA, Pablo Rubén; VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física.** São Paulo: Odysseus, 2006.
- MARITAIN, Jacques. **De Bergson a Thomas D'Aquin:** essais de metaphysique et morale. New York: Maisson de Francaise, 1944.
- MARITAIN, Raissa. **As grandes amizades.** Tradução Josélia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** Tradução Sergio Millet. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Os Pensadores.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

- 
- PESSOA, Fernando. **O cancionero**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. O guardador de rebanhos. In: \_\_\_\_\_. **Ficções do interlúdio, 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Gênese das estruturas lógicas elementares**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense 1969.
- \_\_\_\_\_. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense 1964.
- PRADO JUNIOR, Bento. **Presença e o campo transcendental: consciência e negatividade na Filosofia de Bergson**. São Paulo: ed. USP, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o ofício de escritor**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SILVA, Franklin Leopoldo. **Bergson: intuição e discurso filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. O rio do tempo: o homem um animal temporal devorador de tempo. **Revista da FAGED**, n. 12, p. 203-218, jul./dez. 2007.
- TREVISAN, Rubens Murílio. **Bergson e a educação**. 1995. Tese (Doutorado e, Educação) – Universidade Metodista Piracicaba São Paulo, Piracicaba, SP, 1995.
- VAN ACKER, Leonardo. **A filosofia bergsoniana**. São Paulo: Martins, 1959.
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade, niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.